

A IMPORTÂNCIA DA SONDAGEM ESCRITA NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I: REFLEXÕES A PARTIR DAS VIVÊNCIAS NO PIBID

Rosicler Sartori ¹
Jéssica de Campos Silva ²
Elenice Berkembrock dos Santos Souza ³
Sandra Giehl Marcondes de Quadros ⁴
Maria do Carmo Nogueira Rocha ⁵

RESUMO

Este é um relato de experiência sobre a sondagem da escrita, realizada com os alunos do primeiro ano do ensino fundamental I, enquanto somos pibidianas em uma escola pública municipal, na cidade de Joinville/SC. Nosso objetivo principal é destacar a importância da sondagem da escrita como instrumento de avaliação diagnóstica, no período de alfabetização. As sondagens são realizadas pela professora e, também, pela supervisora escolar. A metodologia utilizada é de natureza qualitativa, tipo Estudo de Caso. Os dados foram coletados a partir de estudos bibliográficos e de observações diretas *in loco* no dia a dia da nossa rotina na escola. Através da análise do corpus investigativo da pesquisa, verificou-se certa a evolução dos alunos ao comparar as sondagens diagnósticas, do momento em que começaram a cursar o primeiro ano e alguns meses após o início do período letivo. A sondagem da escrita tem o propósito de auxiliar o docente a identificar as possíveis dificuldades de alfabetização, e planejar formas de melhorar o processo de ensino.

Palavras-chave: Sondagem; Avaliação diagnóstica; PIBID; Alfabetização; Escrita.

INTRODUÇÃO

Esse artigo representa o relato de experiência do grupo de pibidianos que atuam no Núcleo de Iniciação à Docência (NID) de Alfabetização, em relação a sondagem da escrita, como instrumento de avaliação diagnóstica nas turmas de primeiro ano do ensino fundamental

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC/SC, rosiclercjm@hotmail.com;

² Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC/SC, jessica.campos.silva@hotmail.com;

³ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC/SC, elenicebssouza@gmail.com;

⁴ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC/SC, sandragmq83@gmail.com;

⁵ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC/SC, carminhogueira2014@gmail.com.



I. Nossa experiência aconteceu em uma escola pública municipal, na cidade de Joinville/SC, que possui duas turmas de primeiro ano matutinas e duas vespertinas, que possuem entre 20 e 25 alunos cada turma e são bastante heterogêneas.

A sondagem de escrita é um método pedagógico essencial, porque auxilia no processo de alfabetização, em destaque para o primeiro e segundo ano do ensino fundamental. Por meio da sondagem, os professores conseguem entender e identificar o desenvolvimento de cada aluno na escrita. Essa análise revela como a criança está convertendo seus pensamentos em palavras escritas, permitindo que o professor determine em que etapa do aprendizado ela se encontra. Conforme afirma Moretti (2025), a sondagem no primeiro ano é essencial para compreender o nível de conhecimento de cada aluno e traçar estratégias pedagógicas que funcionem, sendo a sondagem de escrita essencial para o professor identificar as hipóteses de escrita e planejar o ensino de forma personalizada. Assim, nosso objetivo com esse relato, é tecer reflexões sobre a importância da realização da sondagem como forma de mapear o que cada criança já tem de conhecimento no processo da escrita. Os resultados das sondagens servem para guiar os professores no desenvolvimento de estratégias que possibilitem a evolução dos alunos.

Na escola na qual executamos nossas funções de pibidianos, as sondagens são aplicadas pelas professoras das turmas e pela Supervisora escolar. A professora regente aplica diferentes tipos de sondagens todo o mês e cria um portfólio de cada aluno com os resultados. O modelo que apresentamos aqui é aplicado pela Supervisora escolar, e considerado para avaliação da evolução dos níveis de escrita dos alunos.

A primeira sondagem é aplicada quando os alunos ingressam na escola, com o objetivo de avaliar qual o nível inicial de conhecimento dos alunos, e posteriormente, é aplicada uma vez ao mês. Nos resultados dessas sondagens é nítido a evolução das crianças na escrita, e muito gratificante para os professores acompanharem o progresso e o desenvolvimento delas. Dessa forma, o PIBID faz com que essa prática seja ainda mais significativa para nós, considerando que temos a oportunidade de acompanhar o dia a dia da escola e entender melhor os desafios que envolvem o processo de alfabetização, da leitura e da escrita.

A professora supervisora do PIBID compartilhou conosco materiais de leitura sobre as hipóteses de escrita, como uma base teórica para compreendermos os diferentes níveis pelos quais os alunos passam no processo de construção da linguagem escrita, ou seja, sondagem. Além dos textos, ela também compartilhou algumas sondagens realizadas com os alunos que





nos permitiram visualizar na prática como essas hipóteses se concretizam. Dessa forma, foi possível identificar produções que variavam desde a escrita pré-silábica até a silábico-alfabética, promovendo a diversidade de estágios de sondagens presentes em uma mesma turma, que teve o ensino pedagógico no mesmo instante.

Esse primeiro contato com a sondagem da escrita foi extremamente interessante e curioso, porque tivemos a oportunidade de compreender o nível de desenvolvimento de cada criança, mas também associar às intervenções pedagógicas feitas pela professora. Percebemos, assim, que a sondagem é uma ferramenta crucial para o planejamento do ensino da escrita, uma vez que respeita o ritmo e as particularidades de cada criança, e possibilita criar intervenções eficazes para impulsionar o desenvolvimento da alfabetização.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica é qualitativa, tipo estudo de caso. Para Marconi e Lakatos (2022), o estudo de caso é uma análise mais aprofundada de um determinado grupo ou situação, considerando todos os seus detalhes. No entanto, ele tem uma limitação: como foca em um caso específico, os resultados não podem ser generalizados para outras situações. Nesse tipo de pesquisa, reúne-se uma grande quantidade de informações detalhadas, usando diferentes métodos de investigação. O objetivo é compreender a situação de forma completa e descrever a complexidade do fenômeno estudado. Por isso, é importante que os dados qualitativos descrevam com detalhes as pessoas ou grupos envolvidos, usando a própria linguagem deles. Não é possível antecipar como funciona esse sistema de significado ou o contexto geral do funcionamento, pois isso só fica claro com o tempo, após a análise.

Segundo Nascimento (2024, p. 44), “o método de pesquisa do estudo de caso dá ênfase à aplicação prática de conceitos, analisando problemas reais ao invés de se deter apenas na aprendizagem teórica de conceitos”. Por isso, esta pesquisa reuniu uma grande quantidade de informações detalhadas, visando uma compreensão completa e a descrição da complexidade do fenômeno estudado.

Para a coleta de dados, foram utilizadas técnicas como a observação *in loco*, cujas observações foram analisadas a luz dos princípios teórico-metodológicos na perceptiva da metodologia supracitada, e entrelaçada com o referencial teórico fundamentado em Ferreira (2017) e Soares (2020). A observação direta do cotidiano escolar permitiu uma imersão no ambiente de pesquisa, coletando informações sobre as interações e os processos de forma





autêntica e detalhada. Assim, analisando os resultados das sondagens realizadas em períodos de tempos diversos, podemos perceber a evolução e o desenvolvimento da escrita de cada aluno, que alcançaram um resultado bastante satisfatório.

REFERENCIAL TEÓRICO

A língua pode se manifestar-se tanto na fala quanto na escrita. É importante lembrar que escrever não é apenas copiar o que se fala. Falar e escrever são formas diferentes de usar a língua, cada uma com suas próprias características. Na fala, usamos recursos como gestos, variações na entonação e expressões faciais, que podem mudar o significado do que estamos dizendo. Já na escrita, existem alguns sinais que tentam imitar esses recursos da fala, como os acentos, o til, a cedilha e a pontuação. Esses elementos ajudam a transmitir o sentido da mensagem de forma mais clara (TERRA, 2019).

A criança não aprende a ler e escrever sozinha, mas através de experiências sociais que envolvem a linguagem escrita. Isso acontece quando ela escuta histórias, vê os pais escrevendo lista de compras ou interage com placas e letreiros na rua. Destacando o papel ativo da criança no processo de aprendizagem, que interpreta o que vê e ouve, Ferreiro (2017) nos diz:

O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças. Quando tentam compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo recebido. Além do mais, a fim de registrarem a informação, elas a transformam. Este é o significado profundo da noção de assimilação que Piaget colocou no âmago de sua teoria. (FERREIRO, 2017, p. 25).

As primeiras tentativas de escrita feitas por crianças, do ponto de vista visual, geralmente aparecem como linhas onduladas ou quebradas, formando desenhos contínuos ou fragmentados. Também podem surgir como uma série de elementos pequenos e repetidos, como linhas verticais ou bolinhas. É importante lembrar que a aparência gráfica dessas produções não garante que seja realmente uma escrita, a menos que conheçamos as condições em que foram feitas. Normalmente, ao analisar a escrita infantil, as pessoas costumam focar apenas nos aspectos visuais dessas produções, deixando de lado os aspectos que envolvem a construção do que foi escrito. Os aspectos visuais dizem respeito à qualidade do traço, à disposição das formas no espaço, à direção predominante (como da esquerda para a direita ou





de cima para baixo) e à orientação dos próprios caracteres (como inversões ou rotações). Já os aspectos construtivos estão ligados ao que a criança tentou representar e aos meios que ela usou para criar diferenças entre as representações (FERREIRO, 2017).

Para Soares (2020), as crianças não alfabetizadas veem a escrita como simples "marcas" feitas em diferentes superfícies. Inicialmente, elas imitam essas marcas com rabiscos e, eventualmente, com letras. Mesmo quando ouvem uma história sendo lida, elas focam no significado das palavras, e não na sequência de sons (cadeia sonora) que as compõem. Para aprender a ler e escrever, as crianças precisam entender que as letras escritas representam os sons das palavras faladas. Essa habilidade de refletir sobre os sons da fala é chamada de consciência fonológica. Ela permite que a criança reconheça e separe os segmentos sonoros da palavra, como sílabas, rimas e fonemas.

Quando a criança consegue dividir uma palavra em sílabas e usa uma letra para representar cada uma delas, isso mostra que ela já entende que as palavras são formadas por partes sonoras. No entanto, ela ainda está na fase de escrita silábica sem valor sonoro. Isso significa que, mesmo representando cada sílaba com uma letra, a criança escolhe qualquer letra, sem que ela corresponda ao som (fonema) da sílaba. A capacidade de perceber e usar a letra certa para cada som da sílaba é o que chamamos de fonetização, e ela ainda não foi desenvolvida nessa etapa (SOARES, 2020).

No início do processo de alfabetização, as crianças representam as sílabas principalmente com vogais. A preferência por essas letras se justifica tanto pela proeminência de seu som (ou seja, a facilidade com que o som das vogais é percebido) quanto pela correspondência direta entre o nome e o fonema da letra. Quando as crianças atingem a fase silábica com valor sonoro, elas já conseguem escrever pequenas frases e textos. Elas escrevem usando uma letra para cada sílaba e percebem que essa letra tem um som, mas ainda não conseguem ler o que escreveram se não houver um desenho para ajudar. Para que avancem para a fase alfabética e consigam escrever de forma completa, elas precisam desenvolver a consciência fonológica. Isso significa que a criança deve aprender a identificar todos os sons (fonemas) de uma palavra e associá-los às letras corretas. Esse é o passo final para se tornar um leitor e escritor completo (SOARES, 2020).

Conforme Piaget (2024), a criança constrói o conhecimento progressivamente, passando por estágios em que reorganiza suas estruturas mentais a partir da interação com o meio. Essa compreensão orienta práticas pedagógicas que valorizam a sondagem como instrumento para identificar e apoiar o desenvolvimento cognitivo individual.





A sondagem é um dos recursos de que o professor dispõe para conhecer as hipóteses que as crianças ainda não alfabetizadas têm sobre a escrita alfabética. É um momento em que também o aluno tem a oportunidade de refletir enquanto escreve, com a ajuda do adulto. A sondagem pode ser: uma relação de palavras acompanhadas ou não de frases, uma produção espontânea de texto ou qualquer uma atividade de escrita, desde que seja acompanhada de uma leitura imediata do aluno. Por meio da sondagem podemos perceber se o aluno faz ou não a relação entre a fala e escrita e, se faz, de que tipo é a relação (BRASIL, 1999, p. 69).

É importante entender que o processo de alfabetização não é linear e que cada criança tem seu próprio ritmo. Por isso, nem todas seguem a mesma ordem ou velocidade. Para ajudar todas as crianças a avançarem, o professor precisa estar atento e saber em qual fase da escrita cada uma se encontra. Assim, é possível adaptar as atividades e oferecer o apoio certo individualmente, respeitando o tempo e as particularidades de cada aluno.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A teoria de Piaget, desenvolvida a partir de seus estudos com crianças em processo de desenvolvimento, apresenta uma abordagem profunda e interessante sobre os estágios do desenvolvimento cognitivo até a adolescência. Com base nesse referencial, a professora regente utiliza a sondagem de escrita como instrumento para auxiliar sua mediação pedagógica, identificando as hipóteses de escrita elaboradas por cada criança. Assim, no início das nossas atividades em sala de aula, foi possível acompanhar como a educadora conduz esse processo, com o objetivo de reconhecer o nível de desenvolvimento de cada aluno e planejar intervenções mais eficazes para engajar todos na leitura e escrita.

No primeiro momento, são retirados todos os materiais visuais que possam servir de apoio aos alunos, como cartazes com o silabário, o método das "boquinhos" e outros recursos expostos na sala. Essa medida é intencional, uma vez que busca garantir que os estudantes realizem a atividade sem consultar os materiais, os colegas ou recorrer à professora, permitindo assim que seja identificado com maior precisão em que hipótese de escrita cada educando encontra-se. Nesse contexto, os alunos recebem a explicação de como será realizada a sondagem, que devem escrever o que sabem, sem se preocupar se está certo ou errado. Essa orientação é para assegurar que os estudantes expressem, da forma mais espontânea e clara possível, como estão construindo seus conhecimentos no processo de alfabetização. Essa prática dialoga com Soares (2020), ao afirmar que alfabetizar letrando implica compreender o



aluno como sujeito ativo, que elabora e testa hipóteses sobre a escrita, e cuja aprendizagem se dá em um processo de construção contínua e significativa. Corroborando com essa perspectiva, Ferreiro (2017) destaca que compreender o processo de alfabetização exige reconhecer que a criança constrói o sistema de escrita a partir de suas próprias hipóteses, reorganizando-as progressivamente conforme interage com diferentes situações de leitura e escrita.

Assim, os alunos recebem uma folha contendo quatro imagens de um mesmo campo semântico (como por exemplo: animais, partes do corpo humano, meios de transportes, frutas, legumes etc.), acompanhadas de um traço ao lado de cada figura, onde devem escrever o nome correspondente à imagem, e também escrevem uma frase curta, previamente elaborada, que é ditada pela professora ou supervisora.

As figuras iniciam por uma imagem de uma palavra polissílaba, seguida de uma trissílaba, de uma dissílaba e, por último, de uma monossílaba. Ao falar o que se encontra na imagem, a palavra é pronunciada normalmente, sem separação das sílabas. Após, é ditado uma frase que envolva pelo menos uma das palavras já mencionadas, para poder observar se o aluno volta a escrevê-la de forma semelhante. Dessa forma a Supervisora consegue avaliar se a escrita da palavra permanece estável mesmo sendo em um contexto diferente. Essa prática está em consonância com Ferreiro (2017), ao afirmar que compreender o processo de alfabetização implica observar as hipóteses que as crianças formulam sobre o sistema de escrita, valorizando seus erros como parte do processo de construção do conhecimento e não como simples falhas a serem corrigidas.

Nós, pibidianos, tivemos a oportunidade de acompanhar algumas dessas aplicações, observando o desenvolvimento individual de cada criança. E é muito gratificante ver a evolução delas nesse processo de alfabetização. Durante a aplicação da sondagem, foi possível identificar em que nível de escrita cada criança se encontra, com base nos estágios descritos por Guaresí (2009):

a) nível de escrita pré-silábica: representações alheias a qualquer busca de correspondência entre a emissão de som e a escrita; b) nível de escrita silábica: modo de representações silábicas, com ou sem valor sonoro convencional. A sílaba começa a atuar como indicador, mas impossível de ser coordenada com outros da mesma natureza; c) nível de escrita silábico-alfabética: a criança passa a construir sozinha hipóteses silábicas e começa a compreender a relação entre a totalidade e as partes, e entre as letras e os sons; d) nível de escrita alfabética: a criança, aqui, reconhece que não se pode adivinhar o que está escrito, é necessário reconhecer os fonemas e as letras. Começa a escrever com princípios alfabéticos, sem resíduos silábicos e usando as letras com seu valor fonético convencional.





Com efeito, esses níveis destacados pela autora evidenciam que a aprendizagem da escrita é um processo de progressão dos alunos conforme cada hipótese. Para tanto, entender esses níveis é essencial para que o docente realize práticas que sejam assertivas de acordo com as necessidades individuais de cada estudante.

A figura abaixo demonstra as sondagens iniciais realizadas por três dos alunos. Os nomes foram apagados para proteger a identidade deles.

Figura 01: Exemplo do material de sondagem aplicada aos alunos

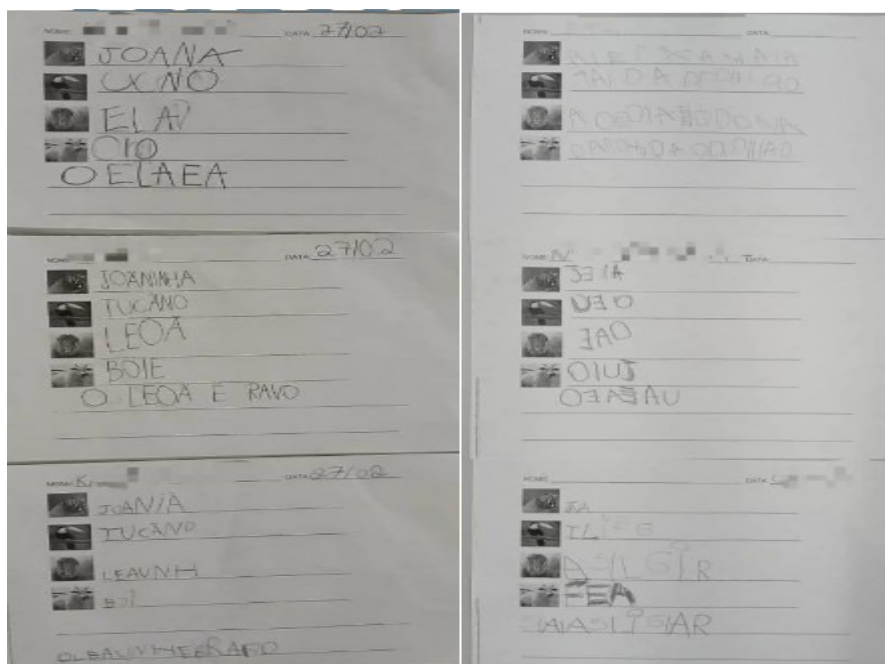


Foto: Arquivo pessoal da autora, Rosicler Sartori (2025).

As professoras alfabetizadoras utilizam uma variedade de recursos linguísticos em sala de aula com o objetivo de tornar o processo de alfabetização mais significativo, lúdico e eficaz para as crianças. Entre essas estratégias, destacam-se o uso de trava-línguas, parlendas, rimas, aliterações e cantigas do alfabeto, que são explorados como instrumentos pedagógicos para desenvolver a consciência fonológica e favorecer a aprendizagem da relação entre os sons da fala (fonemas) e as letras (grafemas) que os representam. Essas atividades orais e escritas auxiliam as crianças a perceberem regularidades sonoras na língua, promovendo o reconhecimento de padrões que facilitam a identificação das sílabas e a fonetização correta das palavras. As cantigas do alfabeto, por exemplo, são utilizadas para associar cada letra a palavras que se iniciam com aquele som, criando uma ponte entre o conhecimento fonológico e o sistema de escrita. Já os trava-línguas e as rimas favorecem o desenvolvimento da



percepção auditiva, ampliam o vocabulário e trabalham de forma divertida a articulação dos sons da língua portuguesa. Esse método corrobora com o que indicam Ferreiro e Teberosky (1986), e Soares (2020), que afirmam que atividades orais e escritas, como cantigas e rimas, auxiliam as crianças a perceberem regularidades sonoras na língua, promovendo o reconhecimento de padrões que facilitam a identificação das sílabas e a fonetização correta das palavras. Ao integrar esses elementos ao cotidiano escolar, a professora cria um ambiente propício para o aprendizado da leitura e da escrita, despertando o interesse e o envolvimento dos alunos, ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento das habilidades fonêmicas fundamentais para a alfabetização.

Acompanhando a evolução na escrita de 19 alunos do primeiro ano, através das sondagens realizadas entre fevereiro e agosto de 2025, sendo a sondagem de diagnóstico inicial realizada na data de 27 de fevereiro de 2025 e a última aqui apresentada, realizada na data de 18 de agosto de 2025. A tabela abaixo demonstra a evolução individual desses alunos. As crianças foram identificadas somente como Aluno 1, Aluno 2, e assim sucessivamente até o Aluno 19, como forma de preservar a identidade dos mesmos. Foram referenciados na tabela apenas os alunos que realizaram todas as sondagens aplicadas, não consideramos os alunos que iniciaram o período letivo na escola e depois solicitaram transferência e nem consideramos os alunos que iniciaram na instituição após a realização da primeira sondagem. A avaliação e a classificação da evolução dos níveis de hipóteses de escrita dos alunos indicados na tabela, foram realizadas pela Supervisora da escola.

Tabela 01: Comparativo dos níveis de escrita dos alunos





Meses	fev/25	abr/25	mai/25	jun/25	ago/25
Aluno 1	SA	A	A	A	A
Aluno 2	SSV	SA	SA	A	A
Aluno 3	SCV	SCV	SCV	SCV	SCV
Aluno 4	PS	PS	SSV	SSV	SSV
Aluno 5	SSV	SCV	SCV	SCV	SCV
Aluno 6	SSV	SSV	SCV	SCV	SCV
Aluno 7	SSV	SCV	SCV	SCV	SA
Aluno 8	SCV	SCV	SCV	SCV	SCV
Aluno 9	SCV	SCV	SA	SA	SA
Aluno 10	PS	PS	SCV	SCV	SCV
Aluno 11	SSV	SCV	SCV	SCV	SCV
Aluno 12	SCV	SA	A	A	A
Aluno 13	SSV	SSV	SCV	SCV	SCV
Aluno 14	SCV	SCV	SCV	SCV	SCV
Aluno 15	SCV	SCV	A	A	A
Aluno 16	SSV	SCV	SA	SA	SA
Aluno 17	PS	SCV	SCV	SCV	SCV
Aluno 18	PS	PS	SSV	SCV	SCV
Aluno 19	SCV	SA	SA	SA	SA

Legenda:
PS: Pré-Silábico
SSV: Silábico Sem Valor
SCV: Silábico Com Valor
SA: Silábico Alfabética
A: Alfabética

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Na sondagem inicial, a turma apresentava grande diversidade de hipóteses e estava majoritariamente em fases iniciais do processo de alfabetização. Dos 19 alunos, 04 se encontravam no nível Pré-Silábico de escrita (PS); 09 estavam no nível Silábico Sem Valor sonoro (SSV) e 05 alunos estavam no nível Silábico Com Valor (SCV), e um aluno já se encontrava no nível Silábico Alfabético (SA).

Nos meses seguintes, especialmente a partir de abril, é possível identificar avanços significativos. Diversos alunos passaram para o nível silábico-alfabético, demonstrando maior compreensão da correspondência entre fonemas e grafemas. Em maio e junho, observa-se a consolidação do processo, com um número crescente de alunos alcançando o nível alfabético. Assim, em 18 de agosto de 2025, os resultados demonstraram que apenas um aluno permaneceu no nível Silábico Sem Valor (SSV), 09 alunos migraram ou permaneceram no nível Silábico Com Valor (SCV); 06 alunos passaram para o nível Silábico Alfabético (SA) e 04 alunos avançaram para o nível Alfabético (A).

Observa-se que algumas crianças avançam mais rápido que outras. Uma das crianças passou da fase silábica com valor sonoro diretamente para a o nível de escrita Alfabética e duas crianças passaram da fase Pré-silábica para a fase Silábica Com Valor, pulando as etapas intermediárias. Três crianças não apresentaram nenhuma evolução dos níveis de escrita durante todo o período. Cada uma dessas hipóteses pode ser diferente de uma criança para



outra, pois depende dos estímulos que ela recebe, da sua maturidade, do seu desenvolvimento cognitivo e linguístico, além de como ela entende o sistema alfabético.

A sondagem não é uma oportunidade para ensinar conteúdos, mas sim para que o aluno demonstre ao professor o que pensa sobre o sistema de escrita alfabética. O objetivo principal dessa atividade é que os estudantes escrevam do jeito que acreditam que as palavras devem ser escritas. Por isso, a sondagem escrita é importante, pois possibilita que o professor alfabetizador conheça bem a fase da escrita em que cada criança está e consiga planejar atividades que ajudem todos a avançarem coletivamente (FERREIRO; TEBEROSKY, 1986).

Na sala de aula, como não é possível trabalhar individualmente com cada criança o tempo todo, é preciso escolher atividades que possam ser feitas por toda a turma, especialmente quando as diferenças de nível não são muito grandes. Além disso, é interessante organizar atividades diferenciadas para grupos de crianças com níveis próximos, para que elas possam ajudar umas às outras e aprenderem juntas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de alfabetização, papel do professor não é apenas ensinar, mas sim mediar a aprendizagem. O objetivo é atuar naquilo que Vygotsky chamou de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), ou seja, o espaço entre o que a criança já consegue fazer sozinha e o que ela pode aprender com um pouco de ajuda de um adulto. O professor deve acompanhar o progresso de cada criança em cada fase do seu crescimento, oferecendo o apoio necessário para que ela avance. Nessa perspectiva, Piaget (2024) também destaca que o desenvolvimento ocorre por meio da interação ativa da criança com o meio, em um processo de construção contínua de conhecimento. Assim, a mediação pedagógica deve favorecer situações em que o aluno possa agir, experimentar e refletir, permitindo que construa suas próprias estruturas cognitivas. Dessa forma, o docente contribui para que, no momento certo, a criança alcance as habilidades mentais e linguísticas necessárias para compreender e dominar o sistema alfabético.

Para planejar o ano letivo de forma eficaz, é importante que o professor conheça bem a trajetória dos seus alunos. Ele precisa entender o que já foi ensinado, como cada estudante aprendeu até aqui e de que maneira isso pode influenciar seu desenvolvimento futuro. A sondagem da escrita é um processo de acompanhamento contínuo e fundamental que deve ser





realizado ao longo de todo o período letivo. Trata-se de uma prática pedagógica essencial para o professor alfabetizador, pois oferece subsídios concretos para compreender como cada aluno está se desenvolvendo em relação ao sistema de escrita alfabética. Por meio das sondagens, é possível observar os avanços, as dificuldades e os conhecimentos prévios das crianças, o que permite ao educador ajustar seu planejamento de forma mais eficaz e significativa, respeitando o ritmo e as necessidades individuais dos estudantes. Essa avaliação diagnóstica não se limita a um momento pontual, mas deve ser feita de maneira sistemática, garantindo que as intervenções pedagógicas ocorram no tempo certo e com foco na superação dos obstáculos encontrados por cada aluno. Além disso, ao identificar o nível de escrita em que a criança se encontra — seja pré-silábico, silábico, silábico-alfabético, alfabético — o professor pode propor atividades mais direcionadas, que favoreçam o avanço para os próximos estágios do processo de alfabetização. Aprender a ler e escrever não é apenas uma etapa da vida escolar, mas um direito fundamental e uma ferramenta essencial para que a criança possa interpretar criticamente o mundo ao seu redor e exercer sua cidadania de forma plena na sociedade em que vive.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. **Programa de desenvolvimento profissional continuado: alfabetização**. Brasília-DF, 1999. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_acao/pcnacao_eduinf.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.
- FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo**. 21. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017. E-book. 168 p.
- FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. v.6. (Coleção questões da nossa época). 26. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017. 102 p.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- GUARESI, Ronei. Etapas da aquisição da escrita de Emília Ferreiro e o papel do hipocampo na consolidação de elementos declarativos complexos. **Letrônica**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 182–193, 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/4988>. Acesso em: 23 ago. 2025.
- MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Metodologia Científica**. 8. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2022. E-book. 295 p.
- MORETTI, Isabella. **Atividades de sondagem para o 1º ano**. Via Carreira, 2025. Disponível em: <https://viacarreira.com/atividades-de-sondagem-para-o-1-ano>. Acesso em: 17 ago. 2025.





NASCIMENTO, Luiz Paulo do. **Elaboração de projetos de pesquisa: monografia, dissertação, tese e estudo de caso, com base em metodologia científica.** Porto Alegre: +A Educação – Cengage Learning Brasil, 2024. E-book. 62 p.

PIAGET, Jean. **O Nascimento da Inteligência Na Criança.** 5. ed. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2024. E-book. 355 p.

SOARES, Magda. **Alfaletrar:** Toda criança pode aprender a ler e escrever. 1. ed., 6 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020. E-book. 173 p.

TERRA, Ernani. **Práticas de leitura e escrita.** Rio de Janeiro: Saraiva Uni, 2019. E-book. 238 p.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

